

Francisco Segnini Jr.
Orientador:
Prof. Dr. Ualfrido Del Carlo

C ONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL DO ARQUITETO

032

pós-

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a prática profissional do arquiteto e a relação que a produção do projeto arquitetônico, entendido como expressão da arte e da técnica, estabelece com o mercado. O objeto analisado é constituído por depoimentos e entrevistas de 206 arquitetos selecionados em 91 exemplares da *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo*, no período de 1985 a 2000. Este período é particularmente significativo porque nesses 15 anos são observadas mudanças como a intensificação do fenômeno social, econômico e político denominado globalização e a difusão da informática, alterando a produção do projeto; no plano político nacional significa o término do período militar. A hipótese norteadora é que a tensão entre arte, técnica e mercado, observada na prática profissional do arquiteto desde o renascimento, intensifica-se nesse contexto. Este artigo é resultado de pesquisa elaborada para a tese de doutorado.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyse the architect's professional practice and the relationship that the production of the architectonic project – meaning the expression of art and technique – holds with the market. The object under analysis consists of statements and interviews of 206 architects selected from 91 issues of *AU – Arquitetura e Urbanismo* magazine, from 1985 to 2000. This period is particularly significant because these fifteen years witness importance changes, such as the intensification of the social, economic and political phenomenon called globalization and the permeation of information technology, facts which have changed the way in which projects are produced. Within Brazil, this period coincides with the end of the military dictatorship. The main hypothesis is the tension between art, technique and market observed in architectural professional practice since renaissance and which has grown more intense with globalization. This paper is the result of research carried out in my doctoral thesis.

Este artigo se refere à pesquisa elaborada para a tese de doutorado sob orientação do Prof. Dr. Ualfrido Del Carlo. O objeto analisado é constituído por depoimentos e entrevistas de 206 arquitetos selecionados em 91 exemplares da Revista *AU – Arquitetura e Urbanismo*, no período de 1985 a 2000. O objetivo foi analisar a prática profissional do arquiteto e a relação que a produção do projeto arquitetônico, entendido como expressão da arte e da técnica, estabelece com o mercado. A análise desses depoimentos e entrevistas referenda a hipótese norteadora da pesquisa. Assim, compreende-se que a tensão entre arte, técnica e mercado, presente no exercício da profissão do arquiteto desde o renascimento, intensifica-se no contexto da difusão da informática e do conjunto de relações econômicas e sociais denominado globalização. Nesse contexto, a concorrência se intensifica e o mercado se torna cada vez mais centralizador na organização das políticas públicas, econômicas e sociais.

Atualizar essa discussão significou incorporar novas temáticas que caracterizam o presente momento histórico, como informática e globalização; ao mesmo tempo outras foram reelaboradas, como mercado e utopia, enquanto outras tantas permanecem candentes, como tensão entre arte e técnica. Dessa forma, este trabalho procurou contribuir para melhor compreensão do significado do exercício da profissão do arquiteto, não mais denominado “sábio” (Alberti)¹, pelos conhecimentos técnicos e humanísticos requeridos. Esses, no entanto, permanecem fundamentais na elaboração do projeto; o desenho é ainda sua expressão, mesmo sendo elaborado por lapiseiras ou por meio de softwares específicos como o CAD, CATIA e outros.

A primeira observação a ser registrada é que a pesquisa constatou a não-existência de um ideário comum a caracterizar o conjunto dos arquitetos entrevistados ou referidos na revista, mas a presença, ante os mesmos temas, de posturas diversas engendradas por diferentes experiências vividas² que ficaram plasmadas no imaginário³, em representações e visões sociais de mundo⁴. As singularidades das experiências dificultam a construção de generalizações conclusivas; no entanto, alguns aspectos podem ser destacados, contribuindo para a melhor compreensão da profissão do arquiteto na atualidade, sobretudo no Brasil.

A elaboração do projeto enuncia, sem dúvida, processos de normalização e regulamentação da profissão; mas exprime, principalmente, o desenvolvimento das ciências exatas e humanas, a *expertise* do profissional para incorporá-las, sensibilidade para interpretar a relação entre o momento histórico e o programa previamente estabelecido com o cliente. Por todos esses fatos, a realização do projeto arquitetônico implica, até o presente momento, a dupla dimensão já apontada por Alberti, no século 15 – arte e técnica.

A arquitetura é arte, observa-se de forma unânime nos depoimentos analisados. Apesar de concordantes com essa dimensão, os arquitetos questionam, a partir de três interferências decisivas, se é possível considerá-la

(1) JAQUES, Annie. *La carrière de l'architecte au XIX siècle*. Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1986. p. 5.

(2) THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y conciencia de clase*. Barcelona: Critica, 1979. p. 10.

(3) CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

(4) LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p.13.

enquanto tal. Nesse sentido, foi observado que esses profissionais indagam, em primeiro lugar, quais as relações possíveis entre arte e qualidade do projeto; em segundo lugar, questionam a relação entre arte, arquitetura e mercado para, finalmente, indagarem pelas relações de produção que concretizam o projeto arquitetônico. Assim, conclui-se que, se é possível considerar arquitetura como uma expressão artística, não o é incondicionalmente – faz-se necessário polemizar essa questão.

Considerando arquitetura como expressão cultural de um determinado povo, em um determinado local e, em um determinado momento, pode-se afirmar que toda expressão espacial assim produzida é arquitetura. Dessa forma, tanto a edificação espontaneamente produzida (arquitetura sem projeto, aquela que o homem executa para seu próprio abrigo), como a edificação resultado de projetos, qualquer que seja seu autor, deve ter o *status* de arquitetura. O palácio do governo, a fábrica, o edifício comercial, a casa, o barraco da favela, são todos elementos de um mesmo espaço urbano ou rural e, da mesma forma, representam uma sociedade com suas contradições, idiosincrasias, qualidades, defeitos, etc. Um verdadeiro retrato cultural de um momento, um produto social, ou, como afirma Pini, “*a revelação de um povo*”⁵.

O reconhecimento de arquitetura ser cultura e expressar uma sociedade “*imperfeita e instável*” levou vários arquitetos a manifestarem as angústias e sonhos por se reconhecerem intérpretes utópicos dessa mesma sociedade.

Os depoimentos que analisam arquitetura em sua dimensão utópica, ou melhor, de “*idéias força*”, no sentido de expressar o desejo de mudança, ou o simulacro de uma sociedade possível, referem-se aos anseios dos arquitetos por uma sociedade mais justa, na qual eles fossem os responsáveis pela criação e produção desses espaços. As condições que propiciaram as teses defendidas pelos modernos continuam presentes na sociedade atual; grande parte da população continua sem acesso à habitação, e os espaços são produzidos, freqüentemente em função do capital, em detrimento das necessidades reais da sociedade. Os depoimentos refletem, também, essa angústia e expressam o anseio por mudanças estruturais da sociedade, as quais não foram possíveis, no início do século 20, por meio da arquitetura como agente reformador, agravadas no presente momento, no qual o mercado e sua lógica racionalizadora assumem importância cada vez maior, submetendo as relações sociais às relações econômicas, aprofundando desigualdades em dimensões jamais observadas anteriormente.

A história mostrou que a arquitetura moderna não conseguiu implementar sua causa e transformou-se em estilo (como afirma Kopp)⁶ e, dessa forma, distanciou-se de seu papel transformador, submetendo-se, com freqüência, às imposições técnicas e mercadológicas. Assim, foi possível verificar, nos depoimentos analisados, que os arquitetos compreendem arquitetura como arte concretizada na construção, podendo revelar utopias. No entanto, fazem-no

(5) PINI, Mario S. UIA homenageia a arquitetura brasileira. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano1, n. 1, p. 13, jan. 1985.

(6) KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, 1990.

polemizando, argumentando, relativizando as condições nas quais esse trinômio se estabelece, informando diferentes dimensões dessa problemática. Talvez, por essa razão, reconhecem que arquitetura é arte, mas, dificilmente, colocam-se na condição de artistas, como seria presumível.

A questão técnica na elaboração do projeto arquitetônico também foi objeto de análise nos depoimentos enfocados. O processo de produção do projeto de arquitetura modifica-se, nestes últimos anos, com a introdução das tecnologias derivadas da microeletrônica e desenvolvimento de softwares específicos que provocaram mudanças na elaboração da representação gráfica do projeto – o desenho; na relação entre os profissionais envolvidos na realização do projeto; na relação com o cliente. Pode ainda significar o rompimento dos atuais limites do projeto e da própria arquitetura.

No que se refere ao processo de criação do projeto, o uso da informática aplicada significou no início, para alguns, uma ameaça; para outros, tão simplesmente uma lapiseira mais equipada, que em nada modificaria a concepção do projeto. Quanto ao desenvolvimento do projeto – um passo além da criação – inúmeras considerações vão sendo formuladas pelos arquitetos durante o processo de difusão dessa tecnologia que, em tão curto espaço de tempo – 40 anos – está assimilada pelos pequenos, médios e grandes escritórios de arquitetura.

No Brasil, a partir de meados dos anos 80, os computadores passam a fazer parte do trabalho de alguns arquitetos; equipamentos caros e pouco eficientes dificultaram a difusão rápida da nova tecnologia. O computador começa a ser utilizado nos escritórios de arquitetura nos serviços administrativos e na produção dos insumos necessários à produção do projeto arquitetônico.

Nos depoimentos levantados no percurso dos 15 anos enfocados nessa pesquisa, percebe-se que o uso do computador no trabalho do arquiteto vai perdendo o caráter polêmico dos primeiros momentos; esse profissional é, cada vez mais, um usuário das inovações tecnológicas que se difundem. No final dos anos 90, os depoimentos levantam novas questões, diferentes das formuladas nos anos 80: partindo da compreensão que essa tecnologia está incorporada à produção do projeto, as discussões se centram sobre quais equipamentos ou programas deverão ser utilizados, suas potencialidades e adequações.

O domínio do programa e a possibilidade de racionalização do projeto passam a ser as questões centrais nos depoimentos dos arquitetos, já a partir do final da década de 80; no entanto, a aceitação e o reconhecimento explícito dessa técnica foram precedidos por discussões, dúvidas, inseguranças que, pouco a pouco, vão perdendo relevância em razão do uso intenso do computador, possibilitando desmistificá-lo ou recolocá-lo em outra perspectiva; especialmente sua interferência no processo criativo do projeto arquitetônico.

Desejo, vontade, croquis, projeto. Essa discussão traz elementos passíveis de serem submetidos à lógica binária do computador, como o desenho em projeção

ortogonal, base do desenvolvimento do projeto, e refere-se também àqueles que não o são, como os utilizados na elaboração de croquis – base da criação do projeto.

A difusão do uso da computação na representação gráfica do projeto não substituiu o traço, reservado ao experimento, às tentativas, que vão sendo elaboradas e expressas nos croquis, espaço da criação. No entanto, são significativas as mudanças observadas após a definição dessa etapa, quando o croqui informa o desenho em projeção ortogonal.

Os croquis preliminares continuam a ser elaborados a partir do desenho produzido pela mão humana e sabe-se que, com raras exceções, os arquitetos continuam a trabalhar como sempre o fizeram, desenvolvendo idéias por meio dos

croquis. Apenas desenhos destinados à produção da obra construída são feitos com a utilização do computador.

Os programas disponíveis não atingiram, ainda, a capacidade de ler os croquis (representação visual de uma decisão abstrata) elaborados pelos arquitetos, ou mesmo, não permitem que esses croquis sejam feitos na tela da máquina. Ao se imaginar que o computador poderia transformar habilidades humanas em operações mecânicas, esqueceu-se que o processo de criação depende de variáveis sociais, econômicas e culturais presentes na formação do arquiteto.

No entanto, agilizar produção, racionalizar trabalho, otimizar tempos, reduzir tarefas manuais, são possibilidades as quais os arquitetos irão detectando e reafirmando em seus depoimentos e entrevistas, já a partir do final dos anos 80. Ao mesmo tempo, esses profissionais vão se equipando e afirmando que o fazem para não perderem espaço no mercado de trabalho, imprimindo qualidade. Esse sentido de qualidade do projeto, atribuído pelos arquitetos ao se referirem ao uso do computador, significa eficiência, pois estão se referindo à diminuição de custos, de prazos, assim como estão falando também de competitividade e busca de mercado de

Croquis do autor



trabalho, sobrevivência dos escritórios de arquitetura. Não foi encontrada, entre as entrevistas e depoimentos analisados, nenhuma referência quanto à relação entre o uso do computador e a melhoria de qualidade de espaço projetado, como procede, posteriormente, Frank Gehry.

Embora, até o momento, o computador não tenha alterado os processos de criação do espaço e signifique um instrumento a mais a ser utilizado na prestação dos serviços de arquitetura, sabe-se que novas perspectivas são apresentadas para os processos criativos, na medida em que novos programas são desenvolvidos. O projeto para o Museu Guggenheim, em Bilbao, elaborado pelo arquiteto Frank O. Gehry⁷, é um exemplo de como a introdução de novos programas (CATIA) na produção do projeto arquitetônico pode contribuir para superar os limites do próprio projeto.

Nos últimos 15 anos a produção do projeto arquitetônico transformou-se completamente e o que parecia ficção transformou-se em realidade, desapareceram os desenhos à nanquim, e as cópias heliográficas lembram peças de museu. Entretanto, mesmo nos espaços de trabalho com acesso às tecnologias mais desenvolvidas, o croqui continua parte fundamental nessa produção, concretiza a intenção, a criação.

O reconhecimento da existência do mercado de trabalho do arquiteto implica também no reconhecimento de uma das dimensões presentes na produção do projeto arquitetônico: trata-se de mercadoria e, enquanto tal, é portadora das contradições inerentes ao mundo das mercadorias.

A análise das entrevistas e depoimentos dos arquitetos, objeto da pesquisa, torna possível maior compreensão das contradições presentes no processo de produção dessa singular mercadoria, entre as quais se destaca a competitividade, cada vez mais acirrada e intensa no contexto da globalização; as formas e a importância que o marketing assume no trabalho do arquiteto; a compreensão, por parte do profissional arquiteto, de sua produção enquanto negócio, geradora de lucro e da apropriação do trabalho de outros profissionais e trabalhadores. A relação com o cliente está presente em todas essas dimensões; nas falas ele (cliente) aparece também de diversas formas, complementares, contraditórias, ora como mecenas, ora como usuário o qual o arquiteto tem a missão de educar, ora como usuário a ser atendido, respeitado, interpretado pelo profissional arquiteto, ora como consumidor necessário à realização do projeto. Historicamente, é a partir da relação com o cliente que se encontra a origem do processo, a possibilidade de o arquiteto criar e desenvolver novas soluções expressas no projeto arquitetônico.

Os arquitetos informam, em seus depoimentos, as relações sociais e mercantis estabelecidas quando da elaboração do projeto; expressam também uma forma de ação no contexto da prática profissional, freqüentemente marcada pela noção de *métier* e sua antítese, a noção de mercado. *Métier* sugere a idéia de saber, saber-fazer, de competência e, portanto, de possibilidades de

(7) VAN BRUGGEN, Coosje. *Frank O. Gehry – Museu Guggenheim Bilbao*. Nova York: Publicações do Museu Guggenheim, 1997.

organização social da transmissão do saber, de cooperação e hierarquias no trabalho. Mercado sugere a confrontação entre oferta e procura, regulado por múltiplas racionalidades individuais a expressarem o preço. Assim concebidas, essas duas noções definem dois universos estranhos um ao outro, sobretudo em profissões que mesclam e tensionam arte, técnica e mercado, assim como o fazer arquitetura.

A arquitetura sempre teve seu campo fortemente marcado pelo desejo de quem solicita o projeto, seja um cliente particular, como descreve Argan⁸ ao se referir à relação entre Wright (arquiteto mágico) e Kauffmann (cliente com muitos dólares e imaginação para se permitir o privilégio de viver experiências excepcionais), seja o Estado, como reconta José Wolf, a propósito da relação entre Niemeyer e Juscelino na elaboração dos primeiros croquis do Palácio da Alvorada, em Brasília. No entanto, no presente momento histórico, observa-se, com intensidade e frequência jamais registrada anteriormente, a primazia do mercado e dos critérios econômicos, em detrimento das questões sociais e culturais.

O paroxismo do mercado ameaça as possibilidades de autonomia na arquitetura enquanto expressão cultural; é elaborada, assim, uma caricatura com fortes traços das contradições presentes, desde os primórdios, no fazer arquitetura, entre arte, técnica e mercado. Ou seja, contradições que sempre marcaram o *métier* do arquiteto, hoje, intensificam-se.

A intrusão da “*lógica comercial*” (a que se refere Bourdieu, ao definir globalização)⁹ antecede qualquer estágio da produção; constitui mesmo precondição do processo de produção do projeto arquitetônico. Diferentes estratégias elaboradas na procura (e, ou disputa) pela oportunidade de trabalho são apontadas pelos arquitetos nas edições pesquisadas da revista, como criar uma arquitetura com traços marcantes, distintos, realizados com linhas e cores significativas, “*também pode ser um ótimo out-door*”, “*verdadeiras peças publicitárias*”¹⁰. Nessa disputa pelo mercado, o arquiteto se torna também um aliado do empresário, caminha “*ombro a ombro*”¹¹ com ele e, muitas vezes, o resultado de seu trabalho é utilizado como marketing para a venda de áreas construídas pela especulação imobiliária.

As formas de divulgação do trabalho do arquiteto cada vez mais se apóiam em diferentes mídias – cartazes, placas, jornais e revistas especializadas ou de grande circulação, internet – rompendo com as determinações que construíram o Código Guadet¹².

Hoje, a dimensão mercadoria, presente no produto do trabalho do arquiteto – projeto arquitetônico – é reiterada e, enquanto tal, divulgada por meio de ações e estratégias de marketing. Para tanto, é minimizada a qualidade cultural do trabalho ou a dimensão arte e maximizada sua perfeita adequação ao consumidor, sua condição de gerar lucro para, dessa maneira, garantir uma fatia do mercado.

(8) ARGAN, Giulio Carlo. *L'art moderne*. Paris: Bordas, 1992, p. 380.

(9) BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: Por um movimento social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 81.

(10) BENVENGO, Luciana. Você é bom de marketing. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 15, n. 85, p. 98, ago./set. 1999.

(11) FIUZA, Luiz. Não basta a parte. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 4, n. 20, p. 66, out./nov. 1988.

(12) GUADET, Julien. Le Code Guadet. In: EPRON, Jean Pierre. *Architecture une anthologie*. Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992, p. 293. Tradução do autor.

Nesse sentido, é relativizada a possibilidade de autonomia na elaboração do projeto, circunscrevendo-a ao que “*pode ser feito*”, em um contexto de mercado.

No entanto, se alguns depoimentos expressam o reconhecimento da preocupação dos profissionais com estratégias mercadológicas, outros (ao mesmo tempo) revelam também preocupação com a ênfase atribuída ao marketing, em detrimento da qualidade do projeto. Em oposição a essa atitude, por acreditar não ser possível manter a qualidade do trabalho, alguns arquitetos preferem se afastar de determinados segmentos de mercado, como o imobiliário, e enfatizar a qualidade como maneira de distinguir-se, ou seja, como marketing. Outros ressaltam que procuram projetar todos os trabalhos, considerando-os de forma singular “*obra única*”¹³, procuram participar de concursos, criar e desenvolver projetos atentos à qualidade de todas as etapas – ações concretas e consideradas necessárias na busca de novos trabalhos.

A competição acirrada tem induzido os escritórios de arquitetura a uma reorganização administrativa. Alguns depoimentos informam essa preocupação, registrando a necessidade de fusões de escritórios no país e com estrangeiros para sua sobrevivência no mercado.

(13) NOBRE, Ana Luiza. Fábrica arquitetura. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 6, n. 6, p. 64, ago./set. 1990. Reportagem sobre o escritório de arquitetura dos arquitetos Hermano Freitas e equipe.

Siga confiante
NA DIREÇÃO
de seus sonhos!
renove a casa
viva a vida
USUFRUA
da imaginação de um
ARQUITETO

Postal publicitário distribuído em restaurantes, bares, etc. na região dos jardins, em São Paulo
Crédito: Autor



Propaganda de arquiteto Guarujá/ SP
Crédito: Autor

A relação cliente arquiteto é multifacetada; se, por um lado, é a partir do cliente (e ou usuário) que a arquitetura adquire condições de realização, por outro lado, a relação entre ambos é potencialmente marcada por tensões. Considerando a responsabilidade social e cultural do arquiteto diante do desenvolvimento da sociedade, muitas vezes, a relação é conflituosa, principalmente quando ele passa a ser ou a compreender-se como uma peça a mais na engrenagem da produção do espaço para consumo. Não só os desejos e a visão de mundo dos clientes interferem na elaboração do projeto; o orçamento disponível, preestabelecido, é fundamental também.

No entanto, a interferência do cliente no processo de produção da arquitetura é também considerada de forma positiva, não só como limite, mas como possibilidade de interações que podem significar gratificação e satisfação para o arquiteto.

Finalizando, é relevante salientar que os arquitetos constituem uma categoria social a qual, assim como outras, é definida por sua formação e pelo caráter de seu trabalho. Fazem parte dessa categoria social arquitetos vinculados a diferentes classes sociais, com diferentes possibilidades de inserção profissional, como o arquiteto empresário de grandes escritórios, empresário de pequenos empresários, autônomos ou empregados. Nesse sentido, é compreendido que tanto os depoimentos e entrevistas selecionados como a análise realizada expressam uma visão de mundo elaborada, considerando, por um lado, as experiências dos arquitetos, as quais possibilitaram a construção desse objeto; por outro lado, a experiência do sujeito da pesquisa, que analisa o objeto, o autor. Por essa razão, é reconhecida a impossibilidade da construção de verdades absolutas, é necessário relativizar o recorte analítico e a própria análise, circunscrevê-las, para que possam ter legitimidade científica, a contextos sociais e históricos a partir dos quais a pesquisa foi realizada.

BIBLIOGRAFIA

- ARGAN, Giulio Carlo. *L'art moderne*. Paris: Bordas, 1992.
- BENVENGO, Luciana. Você é bom de marketing. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 15, n. 85, p. 98, ago./set. 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FIUZA, Luiz. Não basta a parte. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 4, n. 20, p. 66, out./nov. 1988.
- GUADET, Julien. Le Code Guadet. In: EPRON, Jean Pierre. *Architecture une anthologie*. Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1992.
- JAKUES, Annie. *La carrière de l'architecte au XIX siècle*. Paris: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1986.

KOPP, Anatole. *Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa*. São Paulo: Nobel, 1990.

LÖWY, Michael. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen*. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

NOBRE, Ana Luiza. Fábrica arquitetura. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 6, n. 6, p. 64, ago./set. 1990.

PINI, Mario S. UIA homenageia a arquitetura brasileira. *AU Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 13, jan. 1985.

THOMPSON, E. P. *Tradicón, revuelta y conciencia de clase*. Barcelona: Critica, 1979.

VAN BRUGGEN, Coosje. *Frank O. Gehry – Museu Guggenheim Bilbao*. Nova York: Publicações do Museu Guggenheim, 1997.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Arquiteto, profissão, prática profissional, arquitetura, trabalho, produção do projeto, mercado.

Architect, profession, professional practice, architecture, work, project production, market.